Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A cidade de São Paulo contada através das imagens Militão Augusto de Azevedo no século XIX e German Lorca no século XX

Adriane Acosta Baldin[1]

Resumo: Militão Augusto de Azevedo e German Lorca são nomes importantes dentro da história da fotografia da cidade de São Paulo. Em comum, eles têm o "olhar" para o urbano. Cada um a seu tempo, amava o cotidiano paulistano e era atraído a registrá-lo. A obra destes dois artistas apresenta algumas características que os aproximam, enquanto intérpretes das cenas urbanas passadas. Porém, a qualidade formal e o conteúdo, remetem a modos específicos de tratamento fotográfico do espaço urbano, sendo importante destacar a distância de quase um século entre o trabalho de ambos. Militão fotografou, em 1860, uma São Paulo que estava prestes a sofrer uma enorme reurbanização. Lorca, por sua vez, produziu um dos maiores acervos da cidade de São Paulo no século XX.. Na obra de Militão Augusto de Azevedo e German Lorca é possível descobrir o talento de mestre destes dois fotógrafos que foram testemunhas do desenvolvimento escarpado por que passou São Paulo.

Palavras-chave: Cultura visual, memória e cidade

Abstract: Militão Augusto de Azevedo and German Lorca are important names in the photography history of São Paulo city. They have in common the "look" for the urban. Each one at his time loved the paulistano daily life and were attracted to register it. The work of these two artists presents some characteristics that approached them as interpreters of past urban scenes. But the formal quality and the content point to specific ways of photographic treatment of the urban space, being important to remark the distance of almost one century between their work. Militão photographed in 1860 a São Paulo that was about to suffer a huge reurbanization. Lorca on the other hand created one of the greatest collections of São Paulo city photographs of the XX century. In the work of Militão Augusto de Azevedo and German Lorca one may discover the talent of a master of both photographers that witnessed the boosting development through which São Paulo went.

Key-words: visual culture, memory and city.

Ao fazermos um estudo comparativo entre a obra de Militão Augusto de Azevedo e German Lorca, apesar das diferenças cronológicas, técnicas, artísticas e conceituais, podemos elencar num primeiro momento, algumas características que possibilitam o paralelismo.

[1] Mestre em Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUCCAMP

Primeiramente, ambos fotografaram a mesma cidade, São Paulo, em períodos distintos. Militão no século XIX e Lorca no século XX. Ambos tinham o mesmo "olhar" diferenciado para o urbano e respeito à cidade.

Outro aspecto, é que os dois fotógrafos produziram um grande volume de imagens de São Paulo, criando assim uma documentação iconográfica considerável. Essa documentação tornou-se uma fonte de pesquisa riquíssima, colaborando para a valorização da fotografia como documento histórico primário.

E por último, a preocupação que os dois fotógrafos manifestaram com o contínuo processo de destruição e reconstrução por que passou a cidade de São Paulo.

Tentaremos desenvolver brevemente estas características que marcam o paralelismo entre a obra destes dois fotógrafos.

Desde de sua criação, em 1839, um dos temas prediletos da fotografia são as cidades e sua arquitetura. Muitos artistas se dedicaram a fotografar cidades, tanto na Europa como no Brasil. Esse tipo de produção fotográfica normalmente era vinculada a questões comerciais. Os fotógrafos viajantes que se dedicavam a essa atividade tinham como principal objetivo a comercialização das imagens.

No Brasil, isso se dá a partir da década de 1850 com a chegada de fotógrafos europeus como Victor Frond, August Stahl, entre outros. As cidades brasileiras e sua paisagem tropical foram fotografadas e comercializadas no Brasil e no exterior.

Nesse período, o fotógrafo que melhor exemplifica esta vertente na cidade de São Paulo é Militão Augusto de Azevedo que tem uma vasta produção fotográfica da cidade em 1862 e novamente volta a fotografá-la em 1887, quando monta o *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo 1862-1887*.

Militão Augusto de Azevedo nasceu no Rio de Janeiro em 18 de junho de 1837, veio a falecer em São Paulo em 1905. Inicia a sua atividade fotográfica ainda na capital do Império.

Mudou-se para São Paulo em 1860 e trabalhou como ator de teatro. Iniciou sua atividade de ator ainda no Rio de Janeiro, em algumas companhias de teatro; Joaquim Heleodoro (1858 e 1860), na Companhia Dramática Nacional (1860 e 1862) e na de João Caetano, em 1869. (GRANJEIRO,2000: 82*)*

Dois aspectos são fundamentais dentro de sua produção;

Primeiramente, o acervo do fotógrafo está em bom estado de conservação, o que facilita o acesso à pesquisa.

O segundo aspecto, é o grande volume de sua produção fotográfica e a versatilidade de seu trabalho, visto que além das fotos urbanas, seu acervo é rico em retratos. De 1862 a 1887, Militão Augusto de Azevedo registrou a cidade de São Paulo e sua gente por meio de um volume impressionante de fotografias, 12.000 retratos num período em que a cidade contava com uma população de aproximadamente 30.000 habitantes.

A cidade de São Paulo foi amplamente fotografada por Militão Augusto de Azevedo no século XIX.. Especialmente na década de 60 quando São Paulo ainda não havia passado pelo surto do café e da ferrovia e mantinha características de cidade colonial.

A obra fotográfica de Militão Augusto de Azevedo seguramente nos aproxima da dinâmica comercial, cultural e social da cidade naquele período .

Nestes quase 150 anos de existência, essas imagens não envelheceram, pelo contrário, ganharam vida nova nas mãos dos pesquisadores que através delas vêem novas nuances e detalhes sutis que estão registrados somente nas fotografias.

Essa perenidade das imagens reforça a idéia do documento fotográfico como fonte primária de conhecimento, base de pesquisa em tantas áreas. Ferramenta necessária para elucidar a trajetória humana e suas manifestações materiais.

A São Paulo que Militão nos apresenta é inimaginável diante da realidade atual. O esforço de Militão em fotografar toda a urbe, ou pelo menos, os locais mais importantes, era de certa forma desproporcional à importância da cidade naquele período. Ao que parece, o urbano fascinava Militão. Isso explica em parte, a confecção dos álbuns[2], pois em termos financeiros, nunca foi um bom negócio. Em muitas ocasiões registra o desgosto que teve economicamente em produzi-los, ao mesmo tempo, deixa relatos de sua preocupação com a cidade que ia perdendo as suas referências, em termos urbanos e arquitetônicos com a destruição contínua de seus edifícios e largos.

Militão era um fotógrafo bem sucedido, dirigia um dos maiores ateliês fotográficos da cidade, a *Photografia Americana*. O que efetivamente dava lucro nesse segmento eram os retratos, tanto assim, que Militão produziu mais de doze mil retratos em São Paulo. Pode-se concluir, portanto, que não fez os álbuns apenas com o intuito de ganhar dinheiro, tinha fascinação pelo tema.

Na época de Militão, os fotógrafos que se dedicavam à foto de paisagem tinham um outro perfil profissional, eram fotógrafos itinerantes, normalmente sem endereço fixo e sem uma estrutura de estúdio .

[2] "Álbum da cidade de São Paulo" – confeccionado pelo fotógrafo em 1862 e "Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo", em 1887. Neste último, Militão refaz as imagens de 62, nos mesmos locais.

Ao fazer a leitura da cidade e definir os objetivos para retratá-la , Militão se punha a campo de forma pertinaz, andando com um pesado equipamento por toda a urbe, incansavelmente.

Todo o trabalho de preparação e revelação era feito no próprio local da foto. Isso porque o negativo de colódio úmido em vidro tinha que ser preparado, exposto e revelado em um espaço de tempo reduzido para que a imagem se tornasse viável.

O que se sabe ao certo é que, Militão em São Paulo, teve o desejo de retratar a cidade em sua totalidade. Ao observarmos as suas imagens panorâmicas, foram escolhidos pontos estratégicos para se fazer essas tomadas. Além das panorâmicas, Militão registra todo o triângulo histórico e o comercial[3], sendo bastante detalhista com as principais ruas da cidade. A Rua 15 de Novembro foi amplamente fotografada , era a principal rua de comércio da cidade, na época.

Dentre todas as tentativas de decifrar o pensamento deste homem oitocentista e suas estratégias e percepções do espaço urbano, o caminho mais curto talvez seja perguntar-nos qual a contribuição deixada pelo inquieto fotógrafo. A resposta é imediata, a obra de Militão lança luzes na história do desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo. Tornou-se um cúmplice desse processo histórico e sua obra tem um valor documental inestimável, elucidando pesquisas em diversas áreas.

Ao analisarmos as imagens produzidas por Militão na década de 60, podemos constatar que São Paulo não era nem tão pacata e nem tão monótona como nos faz crer Álvares de Azevedo, então estudante da Academia de Direito e morador da cidade. Alguns autores reforçam a idéia de que São Paulo estava esquecida no alto do planalto até o advento do trem e o surto do café que vieram para transformar a cidade em termos econômicos, sociais, comerciais, culturais e arquitetônicos. Todos esses aspectos sofreram transformações de forma gradativa durante todo o século XIX e não em etapas estanques, somente nas últimas décadas.

Na década de sessenta, a cidade de São Paulo já contava com uma infra-estrutura comercial interessante, organizada e setorizada. Havia o comércio de gêneros de primeira necessidade que acontecia em locais determinados ou nas ruas através das quituteiras e quitandeiras, mulheres pobres e muitas vezes negras que tinham seus pontos de concentração muito próximos às pontes e saídas da cidade. Em termos alimentícios, havia a região portuária do Rio Tamanduateí, por onde entravam as mercadorias para o abastecimento da cidade.

[3] O triângulo histórico de São Paulo refere-se aos pontos do vértice onde a cidade se implantou , a saber: Igrejas de São Bento , São Francisco e Carmo.O triângulo comercial é o local que ficou conhecido como o ponto mais comercial da cidade no século XIX. Compreende as ruas; Direita, São Bento e 15 de Novembro

Havia o Piques e o Bexiga que eram pólos comerciais importantes, tanto para o comércio local como para o comércio exterior. No Piques, rota dos tropeiros, chegavam as mercadorias do interior com destino ao porto de Santos. No Largo do Bexiga havia uma feira semanal de materiais de construção vindos de Santo Amaro, deveria ser bem dinâmico, visto que seu funcionamento era semanal.

A mescla social foi a tônica da cidade na década de sessenta. Conviviam no mesmo espaço urbano, pessoas de origens diversas. Constituía um pólo de recepção de pessoas e mercadorias.

Esses diferentes grupos sociais habitavam o espaço urbano de formas diferentes. Havia maneiras distintas de morar na cidade naquele período.

Através das imagens de Militão, fica evidente que havia três formas de morar na cidade de São Paulo na década de sessenta; A região do "triângulo comercial", habitada pelo comerciante europeu, na sua maioria português, e das famílias tradicionais da cidade, muitas delas oriundas das fazendas de açúcar e do comércio de muares do século XVIII. A região do entorno do "triângulo comercial" que se diferenciava pela simplicidade de soluções arquitetônicas; casas simples, muitas ainda do período colonial em taipa de pilão, térreas na sua maioria e que não primavam pela ornamentação. Quem vivia nesta área da cidade era a população mais modesta, comerciantes de pequeno porte, prestadores de serviços, trabalhadores simples e escravos alforriados. Finalmente, uma terceira forma de morar, eram as chácaras que ficavam a volta desse entorno do "triângulo comercial". Viviam neste local desde famílias mais abastadas até camponeses simples, bem como europeu que se identificavam com esse modelo urbano.

Já no século XIX, tínhamos uma São Paulo que começava a mostrar alguns traços de metrópole, principalmente pelos diferentes grupos humanos que já habitavam na cidade e pela sua vocação comercial.

Através do acervo fotográfico de Militão Augusto de Azevedo foi possível desvendar algumas características que ficaram desconhecidas ou deixadas em segundo plano na bibliografia tradicional, com relação à história urbana da cidade de São Paulo.

A partir do início do século XX, outros fotógrafos irão registrar São Paulo, agora com outro proposta. Seus registros tendem a mostrar uma cidade em franca evolução e com feições *modernas,* no sentido de infra-estrutura urbana. Entre esses fotógrafos, destacam-se; Guilherme Gaensly, fotógrafo suíço, que se esforçou em mostrar uma outra São Paulo, sem os traços coloniais. Marc Ferrez, que se destacou no começo do século XX, cuja produção tendia mais para a paisagem. Fotografou panorâmicas de fazendas, plantações e portos. Ferrez se

autodenominava “fotógrafo-paisagista”. A partir da segunda década do século XX esse tipo de fotografia pictórica era muito comercializado em São Paulo, especialmente para a elite cafeeira.

A fotografia moderna em São Paulo começa a evidenciar-se em meados da década de 1940 e tem em German Lorca um dos seus expoentes.

> *No Brasil, a fotografia moderna se desenvolveu no interior do Foto Cine Clube Bandeirante, fundado em 1939 (como Foto Clube Bandeirante), em São Paulo. José Yalenti, Thomas Farkas, Geraldo de Barros e German Lorca estão entre os primeiros a empreender a renovação da linguagem fotográfica no país (LIMA E CARVALHO, 1997: 104)*

German Lorca é paulistano, nascido no proletário bairro do Brás. Os seus pais eram imigrantes espanhóis, que como muitos outros, vieram para São Paulo no começo do século XX. No início de sua vida profissional, Lorca deixou de lado a contabilidade, profissão que exercia, para se dedicar a grande paixão que era a fotografia. Seus pais se opuseram, pois acreditavam que teria um futuro promissor como contador. Foi na década de 40 que German Lorca começou a dedicar-se à fotografia profissionalmente. Com o seu trabalho, como fotógrafo, produziu um dos maiores acervos da cidade de São Paulo do século XX. Segundo o próprio artista, o seu trabalho é uma mistura do cotidiano com o impressionismo. Lorca , hoje com 84 anos, continua a exercer a profissão de fotógrafo, pois mantém um estúdio de grande porte na cidade de São Paulo.

Com o desenvolvimento das técnicas de reprodução fotográfica e com o aperfeiçoamento das câmeras de mão no século XX, o trabalho do fotógrafo se tornou bem mais viável do que no século anterior, quando o equipamento fotográfico era pesado e de difícil locomoção, junta-se a isso a necessidade de revelação imediata das imagens.

Independentemente destas inovações técnicas, a fotografia urbana moderna ganha nuances novas nas mãos de fotógrafos como German Lorca. A ênfase não recai mais sobre o conjunto estrutural do edifício e sim sobre sua plasticidade. Começa a valorização dos fragmentos arquitetônicos, assim como da altura. Há uma mudança radical de sentido, sendo muito prestigiada a abstração nas imagens, acompanhando uma tendência a modernização da cidade e de suas relações.

Na obra de Lorca, o novo enfoque dado à fotografia urbana é evidente e pioneiro no Brasil. Assim como ele, Militão foi também pioneiro em seus registros, foi o primeiro fotógrafo a registrar São Paulo e montar álbuns fotográficos da cidade. Na produção de Lorca, encontramos uma outra São Paulo e uma nova visão da produção fotográfica.

Juntamente com nomes como Chico Albuquerque, Geraldo de Barros e Thomaz Farkas, German Lorca foi um dos pioneiros da fotografia moderna brasileira. Hoje parte de sua obra encontra-se no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM- SP.)

Foi no Cine Clube Bandeirantes que Lorca se desenvolve profissionalmente e em 1952 abre o seu próprio estúdio, o *G. Lorca Foto Studio*. Desenvolvia fotografias comerciais, reportagens em geral e até álbuns infantis e de casamento. Assim como Militão, Lorca também se dedicava aos retratos em seu estúdio.

Dois anos mais tarde, abre o estúdio *Lorca Fotógrafos Ltda.,* no bairro do Cambuci, cuja atividade principal era a fotografia publicitária.

Em 1988 passa a trabalhar com os filhos na *Photoimagem 5,* desenvolvendo fotos documentais e publicitárias. Portanto, em 60 anos de profissão, Lorca variou na produção, fez fotografia de rua, retratos, paisagens, nus, naturezas-mortas, fotos publicitárias e reportagens.As fotos que nos interessam para esse estudo são as que fez da cidade de São Paulo e seu cotidiano.

A base de seu ganho profissional não eram as fotos urbanas, mas, como Militão, dedicou-se profissionalmente à fotografia publicitária. Essa opção pela fotografia publicitária, além do sustento financeiro, conferiu a Lorca diversos prêmios por sua atuação e desempenho.[4]

Em 1954, Lorca se lança como fotógrafo oficial do *IV Centenário da Cidade de São Paulo,* quando realizou uma reportagem fotográfica para a editora Abril.

Somente em 1996, Lorca diminui a sua atividade como fotógrafo publicitário e se dedica aos seus ensaios autorais e artísticos.

Em 1997, três fotos de Lorca entram para uma coleção Pirelli-MASP de fotografia.

A pesquisadora, Daniela Ribeiro da Silva, da Escola de Comunicação e Artes da Usp, que estuda a produção de German Lorca do final da década de 40 e início da década de 50, período em que o fotógrafo está atuante no Foto-Cine Clube Bandeirantes, centra as suas investigações nas cenas cotidianas que ele produziu e na questão do flagrante ou do não flagrante em sua produção.[5]

---

[4] Mérito, fotos publicitárias em Miami, EUA (1961); Menção honrosa, fotos publicitárias em Miami, EUA (1962); Folha de Ouro, fotos publicitárias, Folha de S. Paulo (1963); Medalha de bronze, fotos publicitárias, Folha de S. Paulo (1965); Prêmio Colunistas, melhor campanha fotos publicitárias de caminhões, São Paulo(1985); Medalha de prata, foto publicitária Seafesp, São Paulo (1986); Prêmio Colunista para o Nordeste, melhor campanha de fotos publicitárias do Banco do Brasil, (1989) . (RIBEIRO, 2006, p. 8)

[5] Trabalho para obtenção do título de mestre na Escola de Comunicação e Artes da USP, com o título: "Verdade ou Mentira? Considerações sobre o flagrante, o pseudoflagrante e a composição na fotografia de German Lorca"

Uma das imagens mais polêmicas do fotógrafo é *Menina na Chuva,* onde Lorca fotografa uma menina pulando uma possa d`água no bairro do Cambuci, em São Paulo. É impressionante a espontaneidade da fotografia. A impressão que se tem é que o fotógrafo capta o momento certo, porém, Lorca afirma não ser um flagrante e sim de uma fotografia encenada com sua sobrinha Eunice, para participar de um concurso do Foto-Cine Clube Bandeirantes, denominado "Dias de Chuva". Lorca faz uso freqüente desse recurso na sua produção, cria até um lema; "A fotografia acontece para o fotógrafo e ele a faz acontecer". Em outras imagens, o fotógrafo lança mão desta solução, de criar o flagrante, tais como: *Malandragem (*1949) e *Homem na Chuva* (1950). (RIBEIRO,2006: p.15).

Outra questão levantada pela pesquisadora é o desconhecimento de Lorca com relação ao trabalho de Henri Cartier-Bresson. Esse renomado fotógrafo francês, defendia o "momento decisivo" na fotografia. Pressupunha a existência de um instante privilegiado, capaz de sintetizar todo o significado de um dado acontecimento e o fotógrafo seria o profissional especializado que saberia identificar esse momento e materializa-lo na imagem. Henri Cartier-Bresson, em sua famosa foto *Atrás da Estação Saint-Lazare,* de 1932, fará essa leitura.

Daniela Ribeiro conclui, portanto, que Lorca sendo um fotógrafo de formação tão humilde, teria tido contato com a obra de Cartier-Bresson no Foto-Cine Clube Bandeirantes.

> *Todos esses dados me ajudariam a concluir que o contato de Lorca com os parâmetros praticados por Cartier-Bresson seria fruto das atividades promovidas pelo Foto-Cine Clube Bandeirantes das quais participaria, mesmo que pudesse não ter consciência disso naquele momento (RIBEIRO, 2006: 20)*

Fazendo um paralelo, em entrevista recente com o Sr. German Lorca, conversamos sobre a produção fotográfica de Militão Augusto de Azevedo. Ele não conhecia o trabalho de Militão. Não sabia dos álbuns, das fotos urbanas e da relevância de sua obra. Antes de falarmos dos álbuns, ele comentou que tinha vontade de fotografar novamente nos locais onde havia feito as imagens urbanas de São Paulo em 1950 e assim fazer um comparativo de como a cidade havia sofrido modificações urbanas e arquitetônicas. Ficou surpreso quando lhe disse que Militão já havia feito um álbum comparativo da cidade, em 1887. Portanto, é possível concluir que, apesar de não ter conhecimento do trabalho de Militão e de Cartier-Bresson, Lorca recebe essas informações no meio artístico de alguma maneira ou por pura intuição do artista, em sintonia com o mundo a sua volta. Neste contexto, valeria uma maior discussão sobre esse tema, em outra ocasião.

A cidade de São Paulo que German Lorca vivenciou na década de 40 e 50 do século passado, era um marco dentro do país. São Paulo vivia num crescente industrial e na necessidade de mostrar uma feição de metrópole moderna. Essa noção de desenvolvimento urbano é constante nos álbuns fotográficos da cidade, produzidos naquela época.

A construção civil vivia o seu apogeu, com inúmeros edifícios sendo projetados e construídos. O projeto nacionalista de Vargas, continuado por Juscelino Kubitschek, dava o tom para as grandes cidades e chega ao ápice com a construção de Brasília, em 1960.

German Lorca tentará decifrar essa cidade em sua produção. Destaca em seu trabalho o cotidiano da mesma, sempre tendo o elemento humano em suas imagens.

Retrata os bairros de periferia, os bairros industriais, onde os imigrantes italianos e espanhóis instalaram-se no começo do século XX. Essas imagens, com riqueza poética, deixam na história da cidade o seu real cotidiano, a mescla cultural e étnica que sempre foram marcantes na cidade, porém ausente nos álbuns fotográficos oficiais. O Brás, o Cambuci, o Bixiga eram bairros operários e industriais que não se distinguiam como bairros de elite mas como a força produtora da cidade. Eram dessas regiões que saía o capital que fez de São Paulo a grande metrópole.

Lorca traz, na sua obra, toda essa realidade paulistana pautada na visão da fotografia moderna. Sempre cuida muito da composição, da luz e da sombra. Utiliza com maestria as formas geométricas, mas por sua intuição artística e simplicidade, consegue perceber que a fotografia urbana não é mais uma tentativa de capturar o real mas de interpreta-lo.

No aniversário de 450 anos de São Paulo, em 2004, foi realizada uma exposição com as fotos da cidade, feitas por German Lorca. Nesta ocasião, o fotógrafo relata com certa tristeza a sua experiência de fotografar edifícios e locais que já não mais existem em São Paulo.

“A vista da Faculdade de Direito não é mais a mesma. O prédio, de onde a foto foi tirada, foi demolido. É uma vista que não poderá mais ser reproduzida.” (LORCA,2004)

Militão Augusto de Azevedo e German Lorca, duas obras e um mesmo objeto, a cidade. Os dois foram cúmplices de um processo histórico que souberam paralisar em suas lentes. Mostraram uma São Paulo da garoa, que não mais existe. Fica a certeza da contribuição destes dois fotógrafos para a história e a iconografia paulistana.

Referências bibliográficas:

GRANJEIRO, C. D., **As artes de um negócio: a febre photographica - São Paulo: 1862 – 1886,** São Paulo**:** Mercado das Letras, 2000, p.82

LIMA,S. F., CARVALHO, V. C.,**Fotografia e Cidade,** Álbuns de São Paulo (1887-1954), São Paulo: Mercado das Letras, 1997, p.104

LORCA, G., disponível em:http://www.abril.com.br /especial450/matérias/

Lorca/imagens/Lorca.jpg, 2004

RIBEIRO, D.M., **Verdade ou mentira?** Considerações sobre o flagrante, o pseudoflagrante e a composição na fotografia de German Lorca, São Paulo:tese de mestrado apresentada a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2006,p.8,15 e 20